



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

IRVING RAINER RODRIGUES BRITO

RACIONALISMO E OS LIMITES DA RAZÃO EM BLAISE PASCAL

Orientador: Prof. Sérgio Luís Persch

João Pessoa, Novembro de 2022

IRVING RAINER RODRIGUES BRITO

RACIONALISMO E OS LIMITES DA RAZÃO EM BLAISE PASCAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luís Persch

João Pessoa, Novembro de 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862r Brito, Irving Rainer Rodrigues.
Racionalismo e os limites da razão em Pascal /
Irving Rainer Rodrigues Brito. - João Pessoa, 2023.
48 f.

Orientação: Sérgio Luís Persch.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Método. 2. Racionalismo. 3. Razão. 4. Deus. 5.
Pascal. 6. Cartesianismo. I. Persch, Sérgio Luís. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 16

IRVING RAINER RODRIGUES BRITO

RACIONALISMO E OS LIMITES DA RAZÃO EM BLAISE PASCAL

João Pessoa, dia de Novembro de 2022.

Nota: _____

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Filosofia, pelo Curso de Filosofia da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Luís Persch
(Orientador)

Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira
(Examinador)

Prof. Dr. Marconi José Pimentel Pequeno
(Examinador)

João Pessoa, Novembro de 2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a Deus, minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sem sua graça e a sede pelo conhecimento da verdade no homem, não seria possível a escrita dessa obra. Agradeço aos meus pais e irmã, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Aos amigos por todo o apoio emocional para que eu continuasse, que embora eu desconfiasse de minhas habilidades, eles estavam ali, o que foi suficiente para que eu fosse tão longe no meu trabalho.

Agradeço em particular ao meu orientador, professor Dr. Sérgio Luís Persch, pela paciência e dicas que me passou ao longo desses meses de processo de escrita. Todas suas experiências na área da filosofia moderna foram de suma importância para um bom desenvolvimento da pesquisa monográfica. Além de agradecer aos demais professores do departamento, que foram responsáveis ao longo dos períodos, para que eu fosse capaz de escrever essa monografia.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente, enriquecendo o meu processo de aprendizado. Agradeço a todos.

EPÍGRAFE

“O homem é visivelmente feito para pensar. Nisso consiste toda a sua dignidade e todo seu mérito, todo seu dever é pensar com acerto; zombar da filosofia é, em verdade, filosofar.” Blaise Pascal

RESUMO

O tema central de nossa investigação consiste no estudo da epistemologia do filósofo Blaise Pascal especificamente o racionalismo. Devido ao racionalismo cartesiano e à nova forma de se encarar a investigação filosófica, o distanciamento com a tradição era inevitável. Entretanto, para Pascal, essa distância devia colocar a própria razão à prova e, conseqüentemente, um novo método deveria ser estabelecido. Há limites para a razão? O que são “razões do coração”? Qual o papel do homem e de Deus na construção do pensamento pascaliano? Qual a relação de Pascal com a imaginação? Qual é o método e quais críticas são feitas a Descartes? Nosso objetivo geral consiste em examinar os limites da razão com auxílio do método geométrico pascaliano e seus detalhes. O objetivo específico: analisar os detalhes dos limites da razão, incluindo um estudo aprofundado nas faces psicológicas e teológicas do homem, investigando as faculdades cognitivas centrais do ser humano para a comprovação do tema.

Palavras-Chave: método, racionalismo, razão, Deus, Pascal, cartesianismo.

ABSTRACT

The central theme of our investigation consists of studying the epistemology of the philosopher Blaise Pascal, specifically rationalism. Due to Cartesian rationalism and the new approach to philosophical inquiry, distancing from tradition was inevitable. However, for Pascal, this distance should put reason itself to the test, and consequently, a new method should be established. Are there limits to reason? What are the "reasons of the heart"? What is the role of man and God in the construction of Pascal's thought? What is Pascal's relationship with imagination? What is the method and what criticisms are made of Descartes? Our general objective is to examine the limits of reason with the assistance of Pascal's geometrical method and its details. The specific objective is to analyze the details of the limits of reason, including an in-depth study of the psychological and theological aspects of man, investigating the central cognitive faculties of human beings for the validation of the theme.

Keywords: method, rationalism, ratio, God, Pascal, Cartesianism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O RACIONALISMO.....	13
2.1. Blaise Pascal, o caniço pensante.....	16
3. HOMEM E O MÉTODO GEOMÉTRICO.....	18
3.1 A grandeza e a miséria humana.....	19
3.2 A natureza pecaminosa, fator determinante da miséria.....	22
4. SOBRE O MÉTODO.....	28
4.1 O método Cartesiano.....	29
4.2 O método Pascaliano.....	32
4.3 Regras para o método e a arte de persuadir.....	37
4.4 Do espírito geométrico e finesse.....	40
4.5 A imaginação.....	43
5. CONCLUSÃO.....	46
6. BIBLIOGRAFIA	48

INTRODUÇÃO

Este presente estudo monográfico, tem como um dos seus objetivos basilares a análise do racionalismo de Blaise Pascal, especificamente, os limites da razão com o auxílio de seu método geométrico. Entender a relação do homem com este método é de suma importância para podermos compreender o objetivo da nossa pesquisa. Traçando um paralelo com o método de René Descartes, investigaremos como se dão os limites da razão e como as demais faculdades cognitivas interferem na forma como obtemos conhecimento usando as obras *Do espírito geométrico e a arte de persuadir* e *Pensamentos*.

O estudo dessas duas obras, são responsáveis por apresentarem a discussão de Pascal a respeito do método e das estruturas epistemológicas no homem. A primeira obra, dividida em duas partes, trata do método geométrico e da arte de persuadir, enquanto a segunda obra trata de seletos fragmentos a respeito do espírito geométrico e de finesse, em conjunto dos papéis das faculdades imaginação e coração na filosofia de Pascal. É notável a diferença destas obras, pois, apesar de não serem tão populares e discutidas, trazem ao pensamento epistemológico e antropológico um senso de novidade. Isso graças ao próprio pensador, que juntamente com seus contemporâneos modernos Descartes, Leibniz e Spinoza, tratam de forma original os fundamentos do racionalismo.

Blaise Pascal foi um matemático, escritor, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês. Considerado um prodígio, Pascal nasceu em 1623 e, em sua biografia escrita por sua irmã afirma-se:

Tão logo meu irmão alcançou a idade da razão, deu sinais de extraordinária inteligência; seja com pequenas respostas dadas a propósito de diversas coisas, seja com certas perguntas sobre a natureza das coisas que surpreendiam a todos. Com efeito, com o passar dos anos, crescia nele a força do raciocínio, de forma que era muito superior à capacidade de sua idade. (REALE, 1990, p.599)

Na juventude, se ocupou com a geometria e até inventou a primeira calculadora chamada Pascaliana. Após duas conversões passou a se dedicar profundamente à apologia cristã. Desde a infância era considerado uma pessoa doente e em 1662, Pascal morreu devido a um tumor abdominal. Seus escritos abordam suas reflexões a respeito não só do método racionalista e conhecimento, mas também teologia. A obra *Pensamentos*, composta de fragmentos, seria uma obra de apologia cristã que não chegou a ficar totalmente pronta.

Diante do que até aqui foi apresentado, para prosseguirmos na pesquisa é necessário

delimitar o tema e a hipótese do trabalho em objetivo geral e específico. No objetivo geral, será examinado os limites da razão com auxílio do método geométrico pascaliano e seus detalhes. No objetivo específico deve ser analisado os detalhes dos limites da razão, incluindo um estudo aprofundado nas faces psicológicas e teológicas do homem, investigando as faculdades cognitivas centrais do ser humano para a comprovação do tema. Primeiramente, traçando um estudo do Racionalismo ao longo da antiguidade até a modernidade, o qual perceberemos o destaque de Pascal em comparação a seus contemporâneos, principalmente René Descartes.

Em virtude da mudança no modo de pensar a ciência a partir do Renascimento, o século XVII foi palco de grandes descobertas científicas e do avanço do protestantismo pela Europa. Com relação à filosofia, fica claro o distanciamento com a Escolástica para a chegada do Racionalismo moderno. O responsável pela nova forma de pensar a ciência, a matemática e a filosofia da época, se tornando o pai do racionalismo e influência para os futuros pensadores do período como Gottfried Leibniz e Baruch Spinoza, é René Descartes. Tanto no “*Discurso do Método*” de 1637 quanto nas “*Meditações*” de 1641, o matemático defende que os conhecimentos aristotélico-tomistas são incertos e que, portanto, devem ser postos entre parênteses por todo aquele que, sinceramente, se preocupar com a verdade. Mais especificamente com a lógica escolástica, cujos silogismos aparentemente servem mais para explicar a outrem as coisas que já se sabem. Ou seja, um meio de falar com verossimilhança de todas as coisas e de se fazer admirar pelos menos eruditos. Diante da falha da tradição, Descartes elabora seu famoso método, que consiste nas quatro regras a seguir, respectivamente: clareza e distinção, análise, ordem e enumeração.

Então entra em cena Pascal, que assim como seu antecessor, tece críticas aos escolásticos. De maneira menos contundente, para ele os expoentes da lógica aristotélico-tomista, apesar de não ignorarem completamente as regras da verdadeira demonstração, no entanto, ao misturarem tais regras com outras inúteis, mesmo contraproducentes, acabam por tornar sua ciência inócua. Por exemplo: um médico que ao receitar remédio para o paciente, receita conjuntamente remédios adequados e inadequados, resultando, justamente por estarem juntos, numa não melhora do paciente. Além disso, o método pascaliano concorda com o cartesiano, ao defender que as regras da reta razão só são observadas de maneira pura nas matemáticas, em especial na geometria. Contudo, Pascal também tece críticas ao método cartesiano de fazer ciência, chegando a afirmar que o próprio Descartes é inútil e incerto.

Ao contrário do pensamento cartesiano que deixa de lado qualquer questão religiosa

que não atendesse aos critérios racionais de clareza e distinção, para chegar a uma verdade indubitável pelo uso exclusivo da razão, e apesar de Pascal também defender que o saber científico é autônomo, ele propõe que esse saber é diferente da fé, já que o saber científico está em expansão em conjunto com a fé imutável. Esta, diferente da demonstração, é dom de Deus. A religião jansenista do filósofo se mostra de suma importância para seu pensamento, já que, após sua segunda conversão, Pascal se dedicou intensamente ao estudo do homem e seu sentido na existência. Ocupou-se também, intensamente, com a questão do destino do homem. Com relação ao método geométrico, ele faz questão de frisar que a sua perfeição é “apenas humana”. Em outras palavras, o mais eminente dos métodos seria aquele em que todos os termos seriam previamente explicados e todas as proposições demonstradas.

Ao conhecermos a origem do homem segundo a teologia cristã, a presença do pecado original faz toda a diferença no homem pós-queda. Anteriormente um ser imagem e semelhança de Deus cheio de virtudes, após a desobediência, se revela um ser miserável e mortal. Embora a sede de conhecimento seja aquilo que torna o homem grande, ser mortal e não alcançar certos conhecimentos o torna miserável. Essas idiosincrasias humanas fazem toda a diferença na criação de um método científico, o qual Pascal, tomando conhecimento dos limites humanos, elabora seu método baseado na geometria euclidiana. As regras não só foram formadas para sintetizar o método, mas também para persuadir, tendo em vista que o ser humano pode ser convencido mais eficazmente por isso.

O que propõe o método pascaliano? Quais os pormenores de sua crítica a Descartes? Qual o papel do homem e de Deus em seu método? Como ele chega aos limites da razão? Essas são questões perenes dos escritos de Pascal. Ele foi um dos mais importantes filósofos da modernidade, trouxe uma perspectiva diferente de fazer ciência e de como se portar em relação a ela. Traz uma dose de “humildade” ao saber científico, conhecendo limites que até a atualidade não são ultrapassados, por exemplo: questões filosóficas que são debatidas na contemporaneidade em torno de conceitos que claramente, segundo o método pascaliano, não poderão ser tratadas por precisarem de termos mais primitivos que todos os que podemos alcançar por definições, como o conceito de *tempo*. Sem esquecer que é um indivíduo que faz ciência, Pascal destaca em certa medida a miséria do homem e mostra que, em conjunto com a razão, há também as verdades do coração. São essas duas dimensões que se mobilizam na realização da ciência, não somente a razão, como propõe Descartes. Logo, podemos concluir que é necessário um estudo do método, pois segundo Pascal: “É uma doença natural do homem acreditar que possui a verdade diretamente e disso decorre que está sempre disposto a negar tudo que lhe é incompreensível.” (PASCAL, 2018, p. 22)

2. O RACIONALISMO

No decorrer da história de toda a filosofia ocidental, a procura pela essência e as primeiras causas sempre fizeram parte da identidade da filosofia, independente das diversas áreas que ela ocupa. Na Gnoseologia, por exemplo, a área que estuda como podemos chegar ao conhecimento e se podemos realmente conhecer, é trabalhada no período moderno numa das áreas chamada Racionalismo. Muitos pensadores em resposta ao período anterior, a escolástica, a qual juntou a filosofia e teologia e predominou o estudo da filosofia aristotélica na área da lógica. Pensadores como Descartes, Spinoza e Leibniz trataram de distanciar a fé da razão e trazer uma ênfase maior à razão considerando-a como única fonte de interesse da filosofia. Dentre esses pensadores, Blaise Pascal se destaca por não ir tão longe no sentido de emancipar a razão da fé e também apresenta o homem como referência na investigação filosófica. Para entendermos esse debate, é necessário uma pequena revisão histórica desde a filosofia antiga.

O filósofo de suma importância para o avanço da Gnosiologia tem origem na Grécia antiga, o filósofo Platão. Com seu pensamento dualista, considerava apenas duas causas: a essencial e a material. As ideias são a causa da essência em tudo, sendo eternas e imutáveis. Já as coisas sensíveis estão sempre mudando. Além das coisas sensíveis e das ideias, existe uma classe intermediária, os objetos da matemática, que diferem das coisas sensíveis por serem eternos e imutáveis, e das Ideias pelo fato de existirem muitos objetos de matemática similares, ao passo que cada ideia é única. Para o pensador, o homem é dotado de uma alma imortal, que por sua vez teve acesso a todo o conhecimento antes de habitar em seu corpo mortal. Com o exercício de um interrogatório, a alma é estimulada a recordar para ter acesso à verdade que substancialmente possui desde sempre.

No diálogo Mênon, Platão representado pelo personagem Sócrates, exemplifica essa ideia quando faz perguntas a um escravo, para perceber um conhecimento sobre geometria que antes da conversa ele julgava não ter. Após o exercício da Maiêutica, Sócrates então desenha uma segunda figura quadrada no chão, de tal forma que o escravo possa ver que adicionando linhas horizontais e verticais, tocando os cantos do quadrado, o dobro da sua área é criada. Sócrates leva o escravo a crer que a área é o dobro do quadrado original e que o escravo recuperou espontaneamente o conhecimento que tinha de uma vida anterior, sem que tivesse sido ensinado.¹

Aristóteles, discípulo de Platão, desenvolve seu pensamento no livro chamado

¹ Mênon (83 -85b)

Metafísica, diferenciando as ciências particulares das ciências universais. Para o Estagirita, os nossos sentidos são de fato principais para o conhecimento das ciências particulares, entretanto não nos dizem a razão de nada, como por exemplo por que o fogo é quente, mas apenas atesta que ele é quente. Aqueles que tratam das ciências universais se ocupam mais com a teoria do que a experiências, que são tratadas pelas ciências particulares. Indo além da Física, com a investigação do “ser” e em busca das primeiras causas, chega aos conceitos de matéria e forma. Matéria sendo o princípio constituinte das realidades sensíveis, funciona como o substrato da forma, como madeira, terracota, etc. Forma é o princípio que determina, atua e realiza a matéria, sendo nada mais que aquilo que constitui “aquilo que é”, sua essência como uma porta, taça, etc. Diferentemente de Platão, a forma não é transcendente, mas é como um constitutivo intrínseco da própria coisa (forma-na-matéria).

Por influência do pensamento Aristotélico, o período medieval traz uma junção da Teologia com a Filosofia. Tomás de Aquino, tomando conhecimento do motor imóvel do Estagirita, a substância suprassensível totalmente isenta de potencialidade, eterna causa e não possuindo uma causalidade do tipo eficiente, mas de uma causalidade final, encontra uma base para a construção das famosas cinco vias para existência de Deus pelo puro exercício da razão. A lógica Aristotélica também serviu de grande influência para o pensamento medieval, era ensinada como ciência nas faculdades. Assim, todo o desenvolvimento da ciência nesse período era sistematizado por cadeias de expressões lógicas em conjunto com a linguagem e suas representações simbólicas .

A partir do século XVI, juntamente com as mudanças culturais, históricas e científicas decorrentes do Renascimento, foram estabelecidas duas correntes de pensamento na área da gnosiologia. A primeira é caracterizada pelo conhecimento adquirido a partir dos sentidos, chamado de Empirismo e a segunda proveniente do puro exercício da razão, chamada de Racionalismo. Pensadores como Francis Bacon, David Hume e John Locke defendem um método científico baseado em observações empíricas, sem ideias pré-concebidas. Concebem uma lógica de conhecimento partindo de observações particulares para alcançar uma lei geral. Os filósofos de orientação empirista desconfiam do Racionalismo pela ênfase nas palavras e a matemática pela ênfase nos símbolos. Tais dispositivos não passariam de meras representações da matéria, e não da matéria em si. Para David Hume, a mente nada mais é do que um conjunto de percepções, mantidas unidas por certas relações. As paixões são frutos das percepções que regem a razão e a moral. A razão é um saber abstrato, sem conexões com a realidade, enquanto o saber empírico, por ser baseado na experiência, pode regular o conhecimento sobre a realidade.

Já os pensadores René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibniz, pensam o método científico a partir da razão. Criticaram o formalismo escolástico, que não evitou que teorias como a concepção geocêntrica do universo fossem apresentadas como válidas, através da formulação lógica que receberam. A ciência parte de leis gerais para assim, através de um raciocínio lógico, chegar a conclusões particulares. As sensações são passíveis de engano e de falta de clareza, ao contrário da matemática que atesta verdades abstratas e necessárias. Entretanto, esses mesmos filósofos que abordaram os problemas dentro da mesma ótica, divergiam do modo como enxergavam a razão e o ser humano.

O matemático francês René Descartes (1596-1650), não satisfeito com o modo de pensar escolástico, que incluía regras complexas e intrincadas do método dedutivo aristotélico, a teoria dos silogismos, propõe um método simples com quatro regras - clareza e distinção, análise, ordem e enumeração - fruto de seus estudos matemáticos que lidam com o abstrato, servindo de boa direção para o bom senso e a descoberta verdades indubitáveis. O que evidencia o racionalismo como uma forma válida de se pensar cientificamente, consiste num método que traz a clareza e o rigor da geometria como uma nova forma de ciência, não mais apoiada na tradição nem nos sentidos. Ele pretende ir além das ciências particulares, buscando um conhecimento da totalidade do real. Esse método busca as raízes da ciência, que segundo Descartes, é a metafísica.²

Contemporâneo de Descartes, Baruch Spinoza (1632-1677), vai mais a fundo no seu racionalismo. Seguindo o método indutivo-geométrico levado até as últimas consequências, Spinoza encontra divergências com sua religião judaica. Partindo de Deus (ou a Substância), a expressão de uma necessidade absoluta, ele procura mostrar que tudo daí procede. O exemplo da natureza do triângulo ilustra essa tese. Por força da sua própria definição, todos os teoremas relativos ao triângulo daí procedem rigorosamente, não podendo deixar de fazê-lo. Esse método euclidiano oferece vantagens de distanciamento emocional do objeto estudado, longe de perturbações ilógicas e irracionais como as paixões. A razão se destaca como o segundo grau de conhecimento que, segundo Spinoza, é o mais adequado se comparado com o primeiro grau que é o conhecimento empírico. O conhecimento racional trata de ideias adequadas que são comuns a todos os homens, representando as características gerais das coisas. Também é aquele que capta as causas das coisas, compreendendo sua necessidade clara e distintamente.

Ao pensar numa expressão de necessidade racional absoluta, Spinoza chega em Deus e que o mundo é uma consequência necessária. A causa é imanente ao objeto e vice-versa,

² DESCARTES, R. Discurso do método. ed. São Paulo: Abril, 1996 [Coleção "Os Pensadores"].

logo tudo está em Deus, contrário do panteísmo, em que Deus está em tudo. Assim, a ideia de transcendência que era comum na Idade Média, é transformada e, assim como em Descartes, Deus se apresenta de forma não religiosa.

Nesse mesmo período de resgate da razão pela matemática, Blaise Pascal se destaca, como um que, também critica as velhas posições da metafísica escolástica e aqueles que defendiam as velhas instituições e crenças opondo a razão ao peso e à autoridade da tradição. Entretanto, também se destaca por defender crenças tradicionais por meios tradicionais, ele aceita o racionalismo no domínio da ciência, embora reconheça seus limites considerando que não se pode estender até a esfera da moral e da religião. Considerado um prodígio desde a infância, contribuiu para as diversas áreas da ciência como física, matemática e até mesmo a teologia. Feita essa revisão histórica, vamos nos deter um pouco mais especificamente em Pascal, por ser o tema principal de nosso trabalho na investigação de seu método geométrico.

2.1 BLAISE PASCAL, O CANIÇO PENSANTE

Nascido na cidade de Clermont, Blaise Pascal se mostrou um prodígio como afirma sua irmã que escreveu sua biografia:

Meu irmão nasceu em Clermont, a 19 de junho de 1623. Meu pai, presidente da Cour des Aides, chamava-se Étienne Pascal e minha mãe Antoinette Bégon. Logo que meu irmão chegou à idade em que lhe puderam falar, deu mostras de um espírito extraordinário, pelas suas réplicas bem oportunas, porém ainda mais pelas perguntas que fazia sobre a natureza das coisas, surpreendendo a todos.³

Na infância, após se entreter um pouco com algumas figuras geométricas e tentar determinar suas relações, teria chegado, de maneira totalmente autônoma, até a 32ª proposição de Euclides. Primeiro ato notável daquele que viria a ser um dos maiores gênios da matemática de todos os tempos. Com relação ao Pascal “cientista”, é necessário citar que antes de completar vinte anos, criou a primeira máquina de calcular da história. Também, aquele que viria a elaborar algumas das primeiras experiências para averiguar os efeitos da pressão atmosférica e aquele cujos trabalhos foram essenciais para o desenvolvimento tanto da geometria projetiva quanto do cálculo de probabilidades.

Embora fosse cristão desde o berço, passou por duas "conversões". A primeira destas

³ (PÉRIER, G)A vida de Pascal. In: PASCAL, B. Pensamentos. 2. ed. São Paulo: Abril, 1979, p. 9 [Coleção “Os Pensadores”]

“conversões”, que nada mais é que uma transição de uma fé relativamente branda a uma existência mais austera e penitente, deu-se em 1646, por ocasião da tomada de conhecimento, por parte de Pascal e de sua irmã Jacqueline (futura Irmã Sainte-Euphemiae), das ideias de Saint-Cyran e de Jansênio⁴. Já a segunda “conversão” consiste em um episódio verdadeiramente místico. No dia 23 de novembro de 1654, Blaise parece ter tido um “êxtase” que durou cerca de duas horas, evento que registrou em seu famoso Memorial: um pequeno pedaço de papel que costurou junto a sua roupa e onde registrou, frenética e aleatoriamente, algumas devotas palavras. Após este evento, Pascal colocou todas as suas forças em abandonar definitivamente o mundo e submeter-se, por inteiro, à religião. Será no período compreendido entre esta data e sua morte, ocorrida em 1662, que Blaise elaborará o grosso de sua obra filosófica. Pascal era um homem de saúde frágil, ao longo da vida foi acometido de diversas doenças, até que devido a um tumor abdominal, veio a falecer.

Elaborou obras nas diversas áreas do conhecimento. De cunho científico especificamente, *Ensaio sobre as cônicas* que abordam a matemática e *Tratado sobre equilíbrio dos líquidos* que mostra sua contribuição na área da física. De cunho teológico, se destacam as cartas *Provinciais*, escritas em defesa de um amigo jansenista. E sem esquecer sua grande obra filosófica - os *Pensamentos* - que é um conjunto de pouco mais de mil fragmentos que, por sua vez, não são senão anotações pessoais que deveriam ter servido de base à futura *apologia da religião cristã*, a qual não chegou a ser finalizada em decorrência do falecimento prematuro de seu autor.

Destacamos a obra *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir* – opúsculos originalmente distintos, mas que costumam ser estudados como se constituíssem um único texto sobre os quais nos debruçamos ao longo do texto, por se tratar da epistemologia pascaliana, na qual é abordado o método do racionalismo de Pascal, especificamente. Seu pensamento contribuiu com a filosofia moderna, ao trazer o homem e a religião para seu racionalismo.

⁴ Cornélio Jansênio, foi um filósofo e teólogo neerlandês. Fundou o jansenismo, doutrina defendida por Pascal e Port Royal.

3. O HOMEM E O MÉTODO GEOMÉTRICO

O ser humano, ao longo da história terrena, foi o principal destaque com relação a outros animais, sendo aquele capaz de desenvolver civilizações, uma linguagem complexa, questionar a respeito da origem das coisas e fazer ciência, como diz o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) na sua obra “Metafísica”: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer”. Segundo o filósofo francês Blaise Pascal:

“O homem, evidentemente, é feito para pensar: nisso reside toda sua dignidade e a sua função. E todo seu dever consiste em pensar como se deve. Pois bem, a ordem do pensamento está em começar pelo próprio ‘eu’, pelo próprio autor, pelo próprio fim” (PASCAL, 2002, p.220, frg XII).

Assim como Montaigne (1533-1592), para Pascal o homem deve ser o objeto sobre o qual a filosofia deve refletir, e a reflexão filosófica sobre o homem nos leva logo à consideração de que o “pensamento constitui a grandeza do homem”.(PASCAL, pg. 182, frag 319)

No início da modernidade, a razão passou a desempenhar um papel de principal meio para alcançar a ciência. René Descartes em suas obras *Discurso do Método* e *Meditações Metafísicas*, aborda o caminho para se alcançar uma verdade indubitável, estritamente pela razão. Consequentemente, isola da complexidade natural do homem a faculdade da razão em sua essência mais simples, quando alcança sua famosa proposição do cogito, “cogito ergo sum”. Há incertezas acerca dos próprios sentidos e até mesmo da realidade, mas não de que está duvidando e que há um ser divino além que colocou ideias no seu espírito. O famoso dualismo cartesiano traz um atestado do modo como a razão é enxergada no início da modernidade, como um espírito que é diferente, essencialmente distinto e independente do corpo. Entretanto para Pascal, o homem desempenha um papel de suma importância no estudo da ciência, como um ser limitado racionalmente, e é preciso levar em consideração todas suas faces para verificar como se torna possível o conhecimento.

Pascal começa tomando uma distância relativa a Descartes, levando em consideração que é necessário conhecer o atual estado desse homem que atua na ciência e a interferência desse estado no método de fazer ciência. O matemático defende que a condição humana é ao mesmo tempo de grandeza e de miséria. A grandeza do homem se encontra na própria capacidade de pensar, o pensamento diferencia o homem de todos os outros animais, e portanto sua miséria se encontra na natureza humana, a natureza que se assemelha aos animais. A próxima seção terá como foco o aprofundamento da grandeza e miséria humana

segundo Pascal.

3.1 A GRANDEZA E A MISÉRIA HUMANA

De todos os animais o homem é o único que sabe que existe e é conscientemente capaz de viver isso, saber que vive. Não só que existe, mas é auto consciente de que pensa, e questiona sobre sua natureza e origem de todas as coisas. Entretanto, ao conhecer mais a si mesmo, ele se vê diante de uma dicotomia que o torna grande e miserável, sendo no próprio pensamento que o homem encontra essa sua característica constitutiva.

Primeiramente, acerca da dignidade do homem e sua grandeza, Pascal afirma na obra *Pensamentos*:

O homem nada mais é que um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é necessário que o universo todo se arme para esmagá-lo: um vapor ou uma gota d'água basta para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e sabe da superioridade do universo sobre ele; já o universo, ao contrário, não sabe nada. Toda nossa dignidade, portanto, consiste no pensamento[...] Cuidemos portanto de pensar bem: esse é o princípio da moral. O pensamento é uma coisa maravilhosa e incomparável por natureza. (PASCAL, 2003, pg. 183)

Ou seja, é no pensamento que estão a dignidade e a grandeza do homem, que pode ser deduzida até mesmo de sua própria miséria. Continuando, Pascal também afirma:

Com efeito, aquilo que é natureza dos animais, nós chamamos “miséria” no homem, do que deduzimos que, sendo hoje a sua natureza semelhante à dos animais, ele decaiu de uma natureza melhor, que outrora lhe era própria Mas, em todo caso, a grandeza do homem também está no fato de que se reconhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. Mas ser grande equivale a reconhecer que é miserável. (PASCAL, 2003, pg.183)

De fato, a grandeza e a miséria se complementam, são o que trazem humanidade ao homem. Uma atesta a outra e o reconhecimento de si e de sua miséria pela racionalidade comprova sua grandeza em comparação com outros seres. Partindo da ideia de que os animais são inferiores por não saberem que são animais, possuem um universo ao seu redor e que pensam, o homem sai como superior em comparação a eles, ele é miserável, mas se torna superior por saber reconhecer essa miserabilidade. A miséria humana vem acompanhada de sinais que são a razão e os sentidos. Tanto um como os outros, segundo o matemático, "não só carecem de sinceridade, como se enganam mutuamente"(PASCAL, 2003). Não só na área

científica o homem se encontra num estado de miserabilidade, mas nos comportamentos morais a miséria aparece mais evidente. O homem não está contente com a vida que tem em seu próprio ser, quer viver uma vida imaginária no conceito dos outros e por isso se esforça por aparecer. Ficam continuamente estudando como embelezar e conservar o imaginário, esquecendo do verdadeiro.

Contudo, especificamente, Pascal se ocupa com a miséria ontológica do ser humano. A miséria como condição do homem: afinal, o que é o homem na natureza? É nada em relação ao infinito e tudo em relação ao nada. Logo, o ser humano é algo intermediário entre o nada e o tudo, infinitamente distante de abraçar o princípio e o fim das coisas, pois é igualmente incapaz de ver o nada do qual foi extraído e do infinito pelo qual é engolido. Percebemos que somos alguma coisa, mas ao mesmo tempo não somos tudo; o tanto de ser que possuímos nos impede o conhecimento dos princípios que saem do nada e aquele pouco de ser que possuímos nos oculta a visão do infinito. Assim, somos incapazes de saber com certeza e ignorar em absoluto.

Nós navegamos em um vasto mar, sempre incertos e instáveis, atirados de um lado para o outro. Toda escolha em que pensamos nos agarrar para nos salvar acaba nos abandonando; se o seguimos escapa-nos, foge das nossas mãos e some em uma fuga eterna. Para nós nada se detém. Essa é a nossa condição natural, que no entanto, é a mais contrária à nossa inclinação: desejamos ardentemente um alicerce e uma base última para edificar uma torre que se erga até o infinito, mas nossos fundamentos se dissolvem e a terra se abre em abismos. (REALE, 1990, p.618)

Para escapar dessa miséria, em vão, tenta preencher o vazio por não conseguir criar sentido por si só, opta pela diversão.

A única coisa que nos consola das nossas misérias é a diversão. E, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Porque ela nos impede principalmente de pensar em nós e nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele. Mas a diversão nos entretém e leva-nos insensivelmente à morte. (PASCAL, 2005, p. 157)

A diversão em Pascal é entendida precisamente como todo e qualquer empreendimento que seja capaz de evitar que reflitamos a respeito de nossa deplorável condição. O filósofo considera que somos incapazes de nos encarar de frente – dentre outros motivos, porque, numa tal situação, somos invadidos pelo triste pensamento de tudo quanto pode nos ocorrer (a perda de posses, de entes queridos, da saúde), além de vermo-nos irremediável e insuportavelmente laçados pela consciência excruciante de nossa própria morte. Definitivamente, não lidamos bem com o fato de sermos finitos.

Não conseguindo vencer a morte, a miséria e a ignorância, os homens decidiram não pensar neles para serem felizes. É a única maneira que temos para nos consolar das nossas misérias. Contudo ela se torna a maior delas, por impedir que bebamos da nossa única fonte de grandeza que é conhecer e pensar em nós mesmo, conseqüentemente nos leva inadvertidamente à perdição. Assim sendo, qualquer um de nós que for abandonado a si próprio verá brotar, do fundo de sua alma, “o negrume, a tristeza, a aflição, o despeito e o desespero”, em uma palavra, sucumbirá ao tédio. Sem a diversão, ficaríamos entediados e conseqüentemente esse tédio nos impediria a busca por um meio mais sólido para sair disso. A distração causada por ela leva o homem inadvertidamente para a morte.

O tédio pascaliano (em francês, *ennui*) não deve ser entendido como uma insatisfação momentânea, fastio ou enfado, mas sim como uma angústia profunda “associada à impossibilidade de se sair de tal estado,[...] uma espécie de patologia espiritual”. (PONDÉ, 2001, p. 7). O tédio é a doença de que sofre todo aquele que percebe o absurdo de sua existência. Isto nos dá subsídios para entendermos, por exemplo, o porquê de considerarmos tão severa a pena dos criminosos que são condenados a permanecer sós em suas celas: não há punição maior do que ficarmos face a face com nossa pequenez.

Um bom exemplo dado por Pascal é que essa miséria atinge qualquer homem independente de condições, classe social ou poder. Basta deixar um rei inteiramente só, sem qualquer distração por satisfação dos sentidos, preocupação e companhia, deixar que pense em si mesmo, à sua vontade, e logo perceberemos que um rei sem diversões é mais um homem cheio de miséria. Por isso que se tem tanto cuidado para evitar tudo isso: em volta do rei não falta um grande número de pessoas atentas para garantir a sua distração e indisponibilidade de pensar em si mesmo. Os homens não querem ficar sós: “amam tanto o barulho e a balbúrdia; por isso a prisão é um suplício tão horrível, o prazer na solidão é uma coisa incompreensível”. (PASCAL, 2003, p. 96 frag 146) A procura dos homens por jogos, conversar com mulheres, a guerra e os grandes cargos, são exemplos dessa fuga de si mesmo e de sua miséria.

Segundo Pascal, ao dedicar-se ao que quer que seja, o homem o faz por acreditar inocentemente que, uma vez tendo alcançado seu objetivo, poderá gozar de certa paz e contentamento. Por exemplo, os jogadores, creem piamente que desejam o prêmio que é prometido àquele que, dentre eles, sagrar-se vencedor, contudo, experimente dar a um desses indivíduos o prêmio que ele espera ganhar na disputa, sob a condição de que se abstenha de participar do certame e vejamos como ele o recusa. Assim, queremos tão somente a busca das coisas, e não as coisas mesmas. Disto se segue, pois, que, para evitarmos o tédio, não temos

outro remédio senão nos abalarmos atrás de falsas promessas de felicidade que, afortunadamente, só percebemos como tais depois de muito termos nos divertido.

Portanto, ao pensar em si mesmo, o homem logo reconhece a miséria que é ser alguma coisa e não nada, porém que morre e tem fim, longe de ser algo eterno ou infinito, conhece o fim mas não vive o infinito. Sua grandeza também se encontra em reconhecer sua miséria, essa contradição de seu ser identifica seu estado. Pascal usa o exemplo do Rei Salomão e de Jó, como os únicos que conheceram bem e melhor falaram sobre a miséria do homem: o primeiro, o mais feliz dos homens, o segundo o mais infeliz; o primeiro conhecia por experiências a vaidade dos prazeres e o segundo a realidade dos males.

O primeiro sendo aquele que escreveu o livro de *Eclesiastes*, que embora fosse considerado o homem mais próspero e sábio de seu tempo, afirmou em seu livro que “Detesto a vida, pois vejo que a obra que debaixo do Sol me desagrade: tudo é vaidade é correr atrás do vento.” (BÍBLIA, 2002). A “vaidade” nesse contexto, significa que algo não faz sentido. Até mesmo com relação aos seus esforços no trabalho, o absurdo da vida humana se apresenta como um atestado de sua miséria: “ ‘Vaidade das vaidades" ', diz Coélet. ‘Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.’ Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do Sol?”(BÍBLIA, 2002). O segundo, sendo aquele que, conhecido por sua “paciência”, foi protagonista de uma das maiores provações relatadas nas escrituras. Apesar de também ser conhecido por ser um dos homens mais prósperos de sua época, experimentou a miséria ao perder tudo que tinha, incluindo sua família e saúde, chegando a amaldiçoar o dia em que nasceu: “Pereça o dia que me viu nascer, a noite que disse: ‘Um menino foi concebido! Esse dia se torne trevas!’” (BÍBLIA, 2002)

Entretanto, é necessário abordar a perspectiva cristã de Pascal, para aprofundarmos ainda mais o significado dessa miséria, chegando à raiz de sua natureza.

3.2 A NATUREZA PECAMINOSA, FATOR DETERMINANTE DA MISÉRIA

Nesta seção será introduzida a visão cristã de Pascal e sua influência em sua filosofia. Embora seja matemático, ele é, em grande medida, um pensador do pecado original. Um pensador das consequências da queda adâmica na vida do homem. Quando o homem no início deu as costas para Deus, desencadeou um efeito catastrófico de incapacidade na apreensão da Verdade última a respeito de Deus pela razão de maneira inquestionável. O matemático tomou por base a doutrina Jansenista do bispo Cornélio Jansênio (1583-1638),

teólogo flamengo que na época travou um embate dogmático contra o molinismo⁵ com o objetivo de resgate das teorias agostinianas. O jansenismo foi acusado de heresia, porém, tanto no livro quanto no seu testamento, Jansênio diz claramente que submete as proposições do seu trabalho ao juízo da Santa Sé.

Com a chegada da modernidade, o distanciamento com o racionalismo escolástico anterior se tornou visível e necessário. Embora sob proteção dos jesuítas, o teólogo buscou expor a doutrina que havia dado forma à Igreja antiga e fora um dos pilares do concílio de Trento: as doutrinas agostinianas. Em sua obra *Augustinus*, Jansênio trata do assunto em três tomos, a respeito do pecado original, razão-fé e predestinação. No primeiro tomo especificamente, constituído de oito livros, por meio da doutrina de Santo Agostinho (354 - 430) demole a heresia de Pelágio (350 - 423), que no início do século V, ao contrário de Agostinho, propagou a doutrina segundo a qual o pecado original não teria enfraquecido a capacidade humana de fazer o bem.

No segundo tomo, Jansênio se mostra decididamente contrário ao uso da razão nas questões da fé. Ele aborda a razão como completamente inútil e danosa para a fé, é a “mãe de todas as heresias”; “O intelecto é faculdade própria para o estudo da filosofia, a memória, da teologia”(REALE, 1999, pág. 594). O bispo reporta à “memória” da tradição, justamente com o primeiro dentre todos os antigos padres, que partia dos princípios de São Paulo, Santo Agostinho de Hipona. Agostinho traz conclusões da graça com profundidade que até aquele momento permanece como que oculta na fé do cristão. Entretanto para Jansênio, Deus nunca teve por objetivo tornar os cristãos eruditos, mas apenas dar a simples cognição da verdade divina e correta, cujas razões estão ocultas em um lugar mais profundo e inacessível à agudeza da investigação.

No terceiro e último tomo, o teólogo expõe doutrinas relativas à graça, à predestinação e à liberdade. O *Augustinus* foi imediatamente atacado pelos jesuítas. Em grande parte por serem molinistas, acusaram Jansênio e seus seguidores de serem calvinistas, ou seja, de serem negadores da liberdade humana. A acusação tem base nas cinco proposições famosas que falsamente foram atribuídas à obra: 1) alguns preceitos de Deus são impossíveis para o justos mesmo que o queiram e se esforcem com todas as forças que têm na presente natureza, porque lhes falta a graça que os torna possíveis; 2) não se resiste nunca à verdade interior, no estado de natureza decaída; 3) para granjear mérito ou demérito, não se requer a

⁵ O molinismo é uma posição teológica dentro do debate sobre a predestinação e a soberania divina. Essa perspectiva foi desenvolvida pelo teólogo jesuíta Luis de Molina no século XVI. O molinismo busca conciliar a soberania divina com a liberdade humana e a responsabilidade moral.

liberdade da necessidade, mas somente a liberdade de coação exterior; 4) os semipelagianos admitiam para cada ato, mesmo no início da fé, a necessidade de graça preveniente e eram heréticos ao concederem à vontade humana o poder de resistir ou obedecer à graça; 5) é um erro semipelagiano afirmar que Cristo morreu por todos. Apesar da condenação por heresia, os escritos permaneceram em discussão por religiosos franceses, que difundiram o jansenismo no país que influenciou Blaise Pascal. O centro do jansenismo na França foi o antigo mosteiro feminino de Port Royal.

Nesse mosteiro se destaca uma significativa contribuição filosófica, registrada na obra *Lógica de Port Royal ou a arte de pensar*, escrita por Antoine Arnauld (1612-1694) e Pierre Bicole (1625-1695), que aborda uma nova perspectiva da lógica. Nela, a lógica não seria tanto uma ciência, mas uma arte: não uma arte que ensine a combinar palavras e fórmulas, mas que ensine a pensar bem. Logo, mais uma vez, fica claro que para eles é inútil o ensino da lógica escolástica com seus silogismos fabricados. Para se alcançar resultado é necessário se basear em exemplificações e raciocínios efetivamente usados no âmbito do saber. Em geral, os homens raciocinam corretamente, ou seja, não se enganam ao extrair consequência de premissas, a realidade é que julgam mal, não sabem estabelecer premissas. Assim culminam na falta de pensamento de ideias claras e distintas, às luzes naturais do bom senso. Fica clara a influência do pensamento cartesiano nesta obra, que também influenciará no método pascaliano.

Na obra *Provinciais*, Pascal defende Antoine Arnauld de falsas acusações com relação à interpretação da obra *Augustinus*. Ainda que seja uma obra não filosófica, Pascal trata de corrigir teologicamente algumas heresias dos molinistas de cunho casuístico. Nela ele defende que as obras não são de modo algum suficientes para a salvação sem uma intervenção eficaz de graça divina. Contudo, ao contrário dos reformadores Martinho Lutero e João Calvino, Pascal concorda com Santo Agostinho quando afirma que as ações humanas se devem ao livre-arbítrio, mas, conjuntamente, ao mesmo tempo são de Deus. Devido à graça de Deus que faz com que o livre-arbítrio produza aquelas ações, em outras palavras, Deus faz o homem querer aquilo que ele poderia não querer. Sobre o livre arbítrio, Pascal afirma:

É paradoxalmente, o pecado original, esse mistério incompreensível e injusto que dá a chave do homem: portanto, concebe-se que o homem ultrapassa infinitamente o homem e que é inconcebível a si mesmo sem o alívio da fé. Esse mistério proporciona um conhecimento negativo, porque faz ver a que liberdade do homem o fez miserável por orgulho; sua natureza foi corrompida pela sua própria falta. (PASCAL, 2006, p. 97).

A diferença dos dois estados, antes e depois da queda, mostra-nos a perfeição do livre-arbítrio adâmico, igualmente flexível ao bem e ao mal, onde a razão podia ver o melhor caminho e o homem tinha acesso ao infinito. Porém, a grandeza de Adão foi proporcional à sua queda, mancha tão poderosa que danificou toda a humanidade. Depois do pecado original, a humanidade tornou-se uma massa de condenados. O mal pôs em perigo o poder da liberdade em sua própria raiz. A condição suprema da possibilidade de realização do Soberano Bem era a moralidade, a adoção da máxima moral como supremo fundamento de todas as outras máximas e ações. Essa condição não foi realizada pela liberdade, e, por conseguinte, o Soberano Bem não podia chegar a realizar-se.

A questão do mal e da natureza pecaminosa do homem, pela ótica agostiniana, serviram para o entendimento da natureza humana para Blaise Pascal. Deus sendo o sumo bem criou tudo bom por excelência, como o homem que desfrutava de plena perfeição e liberdade, suscetível ao bem e ao mal, antes do pecado. Segundo o bispo: “A natureza do homem foi criada no princípio sem culpa e sem nenhum vício.” (AGOSTINHO, 2018 p. 114.) Mas depois da queda, causada pela desobediência do primeiro homem – Adão – à ordem de Deus, está enfraquecido na injustiça, no ódio e longe do Criador. Após a queda o homem perdeu sua primeira condição santa, justa e forte. O pecado que agora habita no homem o transforma num ser miserável e vazio. Confuso por ter uma natureza que anteriormente tinha sede de agradar a Deus, agora também quer agradar a si mesmo e fazer o que é mau. Tinha sentido em sua existência por viver para glória do seu criador, entretanto agora sente um vazio nesta vida e procura preenchê-lo ou negá-lo com a diversão. Por consequência do pecado, Deus se retirou do convívio dos homens.

A doutrina do Deus que se esconde - *Deus absconditus* - entra em cena como uma necessidade lógica da fé. O fato de Deus não aparecer vem da cegueira do homem. Pois, como resultado do pecado original e da corrupção que afetou o coração humano que agora é totalmente regida pelo amor-próprio, ele vê apenas a si mesmo e diz respeito a seu eu, portanto, o homem está cego para Deus, por isso, Deus está escondido. Pascal escreveu:

Se Deus se revelasse ao homem constantemente, não haveria qualquer mérito em crer nele; e, se Ele não se revelasse jamais, haveria pouca fé. Mas, ele se esconde comumente e se revela raramente para aqueles que querem engajar a seu serviço. Esse estranho segredo do qual Deus retirou-se, impenetrável à vista dos homens. Ele permanece escondido sob o véu da natureza [...] e quando foi necessário para que aparecesse, Ele ainda se escondeu mais, cobrindo-se de humanidade. Ele era muito mais reconhecível quando invisível do que quando se tornou visível [...]. (PASCAL, 2001, p.127,128).

Para Agostinho, a origem do mal se encontra na soberba do homem, e o mal se define de forma negativa, por não ser um bem, mas uma privação de ser, tem como consequência o “virar as costas” para Deus. A miserabilidade do homem é abordada em seu livro *Confissões*, ao apresentar como antes de encontrar Deus, era um homem perdido que tentava com qualquer coisa preencher esse vazio com prazeres carnis até que finalmente encontrou com Deus. E isso refletiu em seu conhecimento, a miserabilidade de seu estado torna seu intelecto limitado para as coisas divinas, necessitando do mestre interior para alcançar o conhecimento.

Não há dúvida que é um mal estar cheio de defeitos; mas é um mal ainda maior estar cheio deles e não querer reconhecê-los, pois, que é acrescentar-lhes ainda o de uma ilusão voluntária. Não queremos que os outros nos enganem; não achamos justo que queiram ser estimados por nós mais do que merecem: portanto, não é justo tampouco que os enganemos queiramos que nos estimem mais do que merecemos [...] Assim a vida humana nada mais é que uma perpétua ilusão; não fazemos outra coisa senão nos enganarmos e adularmos mutuamente. O homem não passa, portanto, de um disfarce, mentira e hipocrisia, tanto em face de si próprio como na relação com os outros [...] (PASCAL, 2005, p. 423)

Para alguns teólogos, o Deus escondido é aquele que está mais perto do homem; nesse ocultamento, de fato, está implicada a condição de dever procurar cada vez mais, visto que, às vezes Ele se mostra, para estimular a sua procura, e depois se esconde de novo, para que o homem volte para Ele ainda mais e o procure com todo o coração. O *cor inquietum (coração inquieto)* das *Confissões* de Agostinho ressoa nas páginas dos *Pensamentos* de Pascal:

Essa religião que consiste em acreditar que o homem decaiu de um estado de glória e de comunicação com Deus para um estado de tristeza, de penitência e de afastamento de Deus, mas que, após esta vida, seremos reabilitados por um Messias que devia vir, sempre esteve sobre a terra. Todas as coisas passaram, mas permaneceu essa, pela qual todas as coisas são. (PASCAL, 2005, p. 116.)

Numa carta enviada a Gilberte (irmã de Blaise Pascal) por ocasião da morte de seu pai, o filósofo irá declarar que o homem foi criado com dois amores: um finito, voltado a si mesmo, e outro infinito, devotado ao Ser Perfeitíssimo que o trouxe à existência. Em outras palavras, o homem pré-queda amava seu Criador infinitamente, bem como amava-se a si próprio finitamente – isto é, apenas enquanto criatura de Deus. Como sabemos, esta situação não se manteve para sempre: não nos mantivemos obedientes Àquele a quem tudo devíamos e, contrariando a ordem das coisas, nos erigimos em princípio de nós mesmos. Dando voz à

Sabedoria Divina, Pascal afirma:

[O homem] subtraiu-se à minha dominação e, igualando-se a mim pelo desejo de encontrar a felicidade em si mesmo, eu o abandonei a si. E [hoje está] em tamanho afastamento de mim que mal lhe resta uma luz confusa de seu autor, de tanto que foram apagados ou perturbados todos os seus conhecimentos.(PASCAL, 2005, p. 63.)

Além disso, ao voltarmos nossas costas para Deus e, conseqüentemente, perdermos a perfeita aderência que com Ele mantínhamos, criamos, no âmago de nosso ser, um vazio impreenchível. Afinal, se, no estado adâmico, nossa capacidade de amar infinitamente encontrava no Criador um objeto à sua altura (já que também Ele é infinito), o que poderá satisfazê-la neste mundo decaído, onde tudo parece escoar de nossas mãos?

Em detrimento dessa queda, os efeitos não foram somente espirituais mas também intelectuais. O homem é um ser que por natureza deseja conhecer. A busca pela verdade se torna algo que dá sentido para o indivíduo. Porém ele é um ser limitado com desejos infinitos. Não é à toa que ao chegarmos no auge do pensamento filosófico, com os gregos, a noção de metafísica se torna forte, não bastava o âmbito sensível para as respostas, algo além era necessário. Chegar até um criador atingido pelo intelecto é algo possível, porém nunca convence alguém, pois a razão é limitada e cega pelo pecado. Pascal afirma:

[...] Coisa espantosa, entretanto, é que o mistério mais distante do nosso conhecimento, que é o da transmissão do pecado, seja algo sem o que não poder ter nenhum conhecimento de nós mesmos. Pois, não há dúvida de que nada existe que choque mais a nossa razão do que dizer que o pecado do primeiro homem tenha tornado culpado aqueles que, estando afastado dessa origem, parecem incapazes de dele participarem [...] Nada por certo nos choca mais rudemente que essa doutrina. E, no entanto, sem esse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos. O enredamento de nossa condição assume as suas implicações e formas nesse abismo. De maneira que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível para o homem [...]. (PASCAL, 2005, p. 48).

Portanto, a realidade da natureza humana é de suma importância para entender a filosofia de Pascal. O homem enquanto pecador, distante de Deus e o próprio Deus se apresentar escondido desse ser humano, traz conseqüências para o modo de viver, cheio de mistérios e de vazio. Ainda que diante da separação entre fé e razão, longe de elevar uma em detrimento da outra, o matemático encoraja um desenvolvimento da ciência, pois esta pode se desenvolver ao contrário da fé que é mediada pela estável tradição. Para uma boa direção da razão, baseado nos textos jansenistas e cartesianos, Pascal desenvolve seu método que será discutido no capítulo a seguir.

4. SOBRE O MÉTODO

A palavra “método” tem origem no grego “*méthodos*” que na etimologia (*meta-hodos*) significa rota, um caminho (*hodos*) em direção a um fim (*meta*). Ou seja, um conjunto de procedimentos racionais que nos permitem realizar um objetivo ou atingir uma meta, no caso, o objetivo é o conhecimento. Ao longo de todos os períodos da história da filosofia ocidental, diversos métodos foram desenvolvidos. Na antiguidade com os gregos, Sócrates com sua maiêutica (a arte de dar a luz à verdade) já nos mostrava que a argúcia do questionamento define a “arte” de filosofar. O questionamento faz aparecer o problema e organiza a série de argumentos necessários ao seu enfrentamento, visando a essência última das coisas.

A pluralidade de métodos é necessária e foi bem evidenciada por Aristóteles (384 - 322 a.C.) ao nos mostrar que cada ciência possui caminhos múltiplos e distintos para atingir seus fins: a resolução de problemas e a conquista da verdade. Assim, como nem sempre temos ao nosso alcance um manual de instruções acerca da melhor maneira de pensar, intuir, raciocinar, nas inúmeras situações vividas, é preciso, como dizia Aristóteles, constituir um organon, um instrumento para bem conduzir o nosso pensamento. A lógica é essa ferramenta que permite multiplicar as capacidades da nossa inteligência em direção à verdade e a um conhecimento seguro. Por isso, nosso aparato intelectual deve se submeter às regras do rigor, da precisão e da validade.

Mais à frente, na modernidade, o famoso Método Cartesiano foi desenvolvido por Descartes com o intuito de bem dirigir a razão e conduzir o pensamento por meio de algumas regras fundamentais. Assim, a ordem e a medida, enquanto elementos constitutivos da nossa possibilidade de conhecer, fundam a inteligibilidade do real. O conhecimento, portanto, decorre do modo como a razão é conduzida e a conquista da verdade depende da nossa decisão em seguir as regras do método. Este método, inspirado na *mathesis universalis*, cujo modelo essencial era tomado de empréstimo da matemática, se aplicaria indistintamente a todos os fenômenos e realidades do mundo.

Pascal ao entrar em contato com a obra de Descartes, estabelece um método próprio, em que expõe suas regras para chegar ao conhecimento de forma racional. O filósofo também era matemático, portanto, há semelhanças na inspiração para criação das regras, é utilizada a *mathesis universalis*. Contudo, os pressupostos que Descartes possui vão de encontro com o método pascaliano.

4.1 O MÉTODO CARTESIANO

Primeiramente, Descartes ao elaborar seu método, põe em prática sua dúvida metódica para comprová-lo e chegar a uma verdade clara e distinta, não passível de dúvidas. Primeiramente, o matemático põe em dúvida o saber pelos sentidos, chegando à conclusão de que os sentidos são passíveis de engano, embora negar certas evidências porque às vezes os sentidos nos enganam, é loucura. Outras coisas são razoáveis para duvidar, ele segue duvidando da existência do mundo exterior ao sujeito pensamento, com o argumento do sonho. Quem garante que não está dormindo no exato momento, se todas as representações do sonho parecem reais? Não havendo como assegurar o que é real de ficção, coloca a própria dúvida à prova.

Há de se considerar o ponto alto da dúvida, devido à possibilidade da vida como um todo ser um sonho. Logo algumas ciências empíricas como física, medicina ou astronomia, estão passíveis de dúvida, somente a matemática lida com coisas mais simples e gerais, sem considerar a existência da natureza ou não. Quantas vezes já não nos ocorreu estarmos plenamente convencidos de que nos encontramos em vigília, quando, de repente, nos surpreendemos em nossos leitos, notando que tudo quanto nos tinha passado não era senão fruto de nossa imaginação? Duvidar da vigília é, portanto, duvidar da existência das coisas e também duvidar da existência do próprio corpo. Descartes, então, cria a hipótese do gênio maligno ou deus enganador, para colocar em dúvida a matemática e a própria mente. O argumento consiste em afirmar que não há como termos certeza de que não somos frutos do mero acaso ou ainda da mente perversa de um deus enganador – e que, portanto, não há como termos certeza de que nossos raciocínios, mesmo os mais básicos, mantêm qualquer relação com a realidade. O matemático então pergunta a respeito de uma coisa diferente das outras de que já duvidou e da qual não possa haver nenhuma dúvida, chega na própria dúvida, que não pode duvidar que está duvidando. Se está duvidando, alguém está duvidando, logo ele é alguma coisa e existe.

Mesmo que haja um gênio maligno e que esse engane, jamais poderá fazer que não seja nada. Com a certeza de que ele é algo e que existe, Descartes pergunta o que é esse algo. Ele é um ser racional, logo, se as coisas de que ele duvida vêm pelo pensamento, coisas como corpo e imaginação, não podem suprimir, nem deixar dúvidas de que ele existe, pois ele pensa. As coisas podem até não existirem mas, tanto as dúvidas quanto as ideias da não existência das coisas vêm pelo pensamento, e pensar isso é evidentemente verdadeiro. Se penso, logo existo. Ao chegar a essa verdade indubitável, era necessária a investigação de

quem ou de onde vem o comando do seu pensamento. Quem promove ou de onde procede essa certeza sobre o cogito? Para o matemático a resposta reside na existência de Deus.

Para uma melhor compreensão da existência de Deus, Descartes faz o exame por si mesmo, do eu pensante com o intuito de saber se algo existe além dele mesmo. Vem à tona a dúvida do Deus enganador, ao se perguntar sobre a origem de suas ideias, especificamente, a ideia de Deus. Uma ideia não pode surgir do nada, pois o nada não produz coisa alguma, muito menos uma ideia. Seguindo, a ideia é a representação de algo real, que existe, mesmo que a ideia seja produção do pensamento que é suscetível de erros. A ideia procede de uma causa real, quer seja objetiva ou formal, com realidade de graus semelhantes. Para comprovar a existência de Deus, o matemático compara substância finita e substância infinita. Ao considerar que a ideia de um Deus infinito se encontra numa substância finita, só é possível se uma substância infinita colocou essa ideia nela, logo Deus existe. Também a dúvida prova que Deus existe, pois mostra como o homem não é perfeito, só Deus. E a busca pelo conhecimento, a consciência de ser ignorante em determinadas coisas, mostra necessária a existência de Deus. Portanto, para Descartes, a ideia de perfeição é inata no ser humano e colocada por Deus. Contudo, esse Deus é o chamado “deus dos filósofos”, Deus impessoal como o primeiro motor, aquele que causa as coisas.

Pascal, assim como seu antecessor, tece críticas aos escolásticos. Inclusive, segundo o filósofo, muitas verdades que adquirimos e que são passíveis de dúvidas provêm da tradição e dos costumes. Com efeito, são poucos os homens que conseguem se livrar da influência – muitas vezes funesta – dos costumes nos quais foram criados e da educação que receberam. Por exemplo: um indivíduo que, durante anos, ouviu de seus preceptores que a Terra é o centro do universo, muito provavelmente se recusará a aceitar evidências que contrariem esta sua crença tão arraigada. Do mesmo modo, é quase certo que um homem do povo considere, sem refletir, serem os costumes e as leis de seu país, regras universais que acordam em tudo com a Justiça. De maneira menos contundente, para ele a lógica tomista, apesar de não ignorar completamente as regras da verdadeira demonstração, no entanto, ao misturar tais regras com outras inúteis, mesmo contraproducentes, acaba por tornar sua ciência inócua. Contudo, Pascal também tece críticas ao método cartesiano de fazer ciência, chegando a afirmar que o próprio Descartes é inútil e incerto.

Pascal reconhece ser um dos pontos mais fortes da filosofia céptica a famosa hipótese do gênio maligno e o argumento do sonho. Porém, diferentemente de Descartes que pretende contornar este impasse por meio de malabarismos racionalistas, Pascal crê que possamos responder tal argumento por meio da fé, de modo que, do ponto de vista das capacidades

meramente humanas, a hipótese do gênio maligno se nos impõe como um obstáculo intransponível. A “inutilidade” da filosofia Cartesiana se mostra quando o verdadeiro romance da natureza, não se baseia em fatos mas em alguns princípios inventados por ele. Já sua “inutilidade” consiste em, ao invés de nos conduzir a uma única coisa, perde-se em vãs especulações

Ao relembrarmos o fragmento citado no capítulo anterior tem-se a justaposição de dois termos que fazem eco ao dualismo cartesiano: a falibilidade do corpo representada no “caniço”, símbolo da miséria, e a potência do espírito, marca da grandeza. Pensar bem não é propriamente, como em Descartes, seguir o método, mas sim reconhecer-se miserável. A metafísica cartesiana é despida dos elementos valorativos que aparecem na maneira como Pascal associa extensão e miséria, pensamento e dignidade. O fragmento insere Pascal na modernidade com a referência a Descartes, mas, prepara o terreno para que a inspiração cartesiana seja prontamente negada. Pois de acordo com o fragmento 530/274, que apresenta um acréscimo que é importante citar: “Todo o nosso raciocínio se reduz a ceder ao sentimento”, que aponta para a falibilidade da razão, que troca de referente na comparação com o “caniço pensante”. A razão deixa de fazer par com o pólo forte da expressão pensante para parrear com a parte que representa a fraqueza, que será abordada nos capítulos mais adiantes.

Logo, ao refletirmos sobre a primeira verdade - "penso, logo existo" - enquanto um ponto de partida geométrico, metaforicamente, um ponto arquimediano, podemos perceber que com esse ponto fixo e de partida, ele se livra daquele sentimento de que está imerso num poço em que não chega nem ao fundo e nem alcança a superfície. Já Pascal considera que a condição de “caniço” é essencial do ser humano e não há como se libertar dela por um artifício racional. A sensação de abismo entre o nada e o tudo é o que traz a possibilidade de bem encaminhar a razão, reconhecendo o ser humano em sua totalidade como o pensador. Um bom exemplo é alcançar Deus, que se buscado pela pura razão, chegará a um deus deísta, que não garante que não possa ser refutado e que outros possam escolher não acreditar. Pois a fé é algo do coração, um dom:

A fé é um dom de Deus; não dizemos em absoluto que seja um dom do raciocínio. As outras religiões não falam assim da sua fé; elas não davam senão raciocínio para chegar até lá, e contudo ele não o conseguia. (PASCAL, 2003, p.156 fragm, 255/279)

No capítulo a seguir trataremos propriamente do método Pascaliano e como ele trata da limitação da razão em contraste com Descartes.

4.2 O MÉTODO PASCALIANO

Neste capítulo, será abordada uma introdução ao pensamento científico-filosófico pascaliano. Explorando as obras *Do espírito geométrico e a arte de persuadir* e *Pensamentos*, nas quais Blaise trata de sua epistemologia, sendo que a primeira obra trata em sua totalidade, especificamente, do método geométrico e a segunda obra em parte de sua estrutura epistemológica. Primeiramente, será abordado o ideal do saber e como Pascal soluciona esse impasse, ao trazer peculiaridades da essência humana para a discussão do método. Finalizando com um breve resumo da estrutura epistemológica de Pascal em conjunto com sua relação com os limites da razão.

No fragmento do Prefácio ao projeto *Tratado sobre o vácuo* Pascal traz com impressionante lucidez a demarcação entre ciências empíricas e teológicas. É necessária a demarcação com relação ao progresso das ciências empíricas e a estabilidade das verdades eternas. Para isso, Pascal ataca o *princípio de autoridade* na pesquisa racional. Há ocasiões em que o respeito que se tem pela antiguidade, nas matérias que ela tem menor valor, acabam por considerar como oráculos todos os seus pensamentos e como mistérios suas obscuridades, assim, não se pode propor coisas novas sem perigo e que o texto de um autor basta para destruir os argumentos mais válidos.

Em determinados âmbitos, é necessário o recurso ao texto, porém nenhum se compara à Teologia. Trata de ser inseparável da verdade, e nós não conhecemos senão através dela, de modo que, para ter a certeza mais absoluta nas matérias mais incompreensíveis para a razão, é suficiente vê-las nos livros sagrados. Além do mais, a realidade é que os princípios de fé estão acima da natureza e da razão. Entretanto, o mesmo não se pode dizer das verdades empíricas e da razão, nas quais somente a razão tem supremacia. Onde a experiência e a razão dominam é imprescindível o progresso. Ali, a inteligência tem toda liberdade de se expandir, produzindo invenções infinitas e ininterruptas. Logo, ciências como geometria, aritmética, música, física e medicina são progressivas. Já as verdades teológicas são eternas.

Ao não querer aceitar novas verdades na área da razão, tem-se uma atitude irracional, que ocasiona a paralisação do progresso, é necessário encorajar aqueles tímidos que não ousam inventar nada na física e confundir a insolência daqueles temerários que

cogitam novidades na teologia. Os antigos serviram-se de verdades que lhes haviam sido deixadas e o fizeram como meio de encontrar novas verdades, fazendo o uso dessas verdades deixadas um meio e não o objetivo do estudo.

Em *do espírito geométrico e da arte de persuadir*, originalmente opúsculos distintos, mas que costumam ser estudados como se constituíssem um único texto, Pascal em seu método, visa, sobretudo, oferecer algumas regras para guiar a demonstração de certas verdades já conhecidas. Em comparação com o método cartesiano, a primeira diferença se encontra na finalidade de cada método. O método pascaliano visa cumprir a função que Descartes relega à lógica, em outras palavras, trata da exposição de coisas já sabidas e não a conquista de novos saberes.

Para pensar o método, é preciso pensar, primeiramente, no ideal de saber. O que é necessário fazer para tornar convincentes nossas demonstrações? Pascal afirma:

Esse verdadeiro método, que formaria as demonstrações no mais elevado grau de excelência, se for possível chegar a isso, consistiria em duas coisas principais: A primeira não empregar nenhum termo do qual não se tenha de antemão explicado claramente o sentido; a segunda, não adiantar jamais qualquer proposição que não tenha sido demonstrada por verdades já conhecidas; ou seja, numa palavra, definir todos os termos e provar todas as proposições. Mas, para seguir a própria ordem que explico, é necessário declarar o que entendo por definição. (PASCAL, 2018, p. 14)

Em suma, significa esclarecer todos os termos e provar todas as proposições. Fica clara a influência da geometria na construção do método, pois ela não define nenhum desses termos, como: espaço, tempo, movimento, número, igualdade nem similares, que existem em grande número, porque esses termos designam tão naturalmente as coisas que significam, para aqueles que entendem a língua, que o esclarecimento que se gostaria de dar traria mais obscuridade que clareza. “Não há nada mais fraco que o discurso daqueles que querem definir as palavras primitivas”(PASCAL, 2018, p. 14). Pascal vê nos termos primitivos e nos primeiros princípios elementos que, estando no limiar de qualquer discurso, atestam, antes de tudo, nossos limites.

Por exemplo: a palavra Homem. Se já é bem sabido o que é que se quer designar por esse termo, qual a vantagem da definição que o homem é um animal de duas pernas e sem penas? Pois a ideia natural que temos de homem e que não podemos exprimir é mais clara e segura comparada à definição, que então se revela uma definição inútil, uma vez que o ser humano não perde sua humanidade ao perder as duas pernas e um galo não a adquire ao perder sua penas. Não se pode tentar definir uma palavra sem começar pelo vocábulo “é”, quer seja expresso, quer seja subentendido. Logo, tentar definir o que é “ser” é um absurdo,

pois seria necessário empregar a palavra “é” e assim empregar a palavra definida na definição.

Embora todos os homens tenham a mesma ideia de essência, não é de todo impossível e inútil definir termos como “tempo”, cuja essência já é conhecida de todos, entretanto há opiniões bem distintas no tocante a essa essência. Uns dizem que é o movimento de uma coisa criada, outros, a medida de movimento, etc. Portanto, não é a natureza dessas coisas que são desconhecidas mas a relação entre nome e coisa, de modo que, ao dizer o vocábulo *tempo*, todos dirigem o pensamento para o mesmo objeto, o que basta para que não necessite ser definido. A definição é feita exclusivamente para designar as coisas que são denominadas e não para mostrar a natureza delas.

Ou seja, ao perguntar pela palavra tempo, é preciso perguntar o que se entende por essa palavra, se é o sentido usual admitido por todos ou se é despojado desse sentido para que possa denominar como aquele de *movimento de uma coisa criada*. Não é mais uma definição livre, é uma proposição que precisa ser provada, a não ser que seja evidente por si mesma. Aqui se encontra a diferença entre definição de nome e de coisas, justamente a primeira trata de definições livres permitidas e geométricas; já a segunda consiste propriamente em proposições de modo algum livres, mas sujeitas a contradição, que concedem igualmente a liberdade de formular outras. O resultado é o embaralhamento das coisas e assim a ordem e clareza acabam se perdendo. A importância de se seguir a ordem geométrica, se justifica no fato de ela evitar de qualquer forma definir essas palavras primitivas como espaço, movimento, tempo, etc; pois o entendimento é feito de forma natural.

O método geométrico por comportar termos com falta de definição, por incrível que pareça, o torna perfeito e não defeituoso. Por supor que se saiba aquilo que se entende sem se ater a defini-las, penetramos em sua natureza e descobrimos suas maravilhosas propriedades. A principal compreende as duas infinidades que se encontram em todas: uma de grandeza e a outra, de pequenez. Se pode chegar até o mais alto grau, por maior que seja um número pode-se acrescentar um maior para ultrapassar esse último, até ao infinito. Em outras palavras, por maior que seja o número, espaço, o tempo, sempre há um maior e menor.

Todas essas verdades não podem ser demonstradas e, no entanto, são os fundamentos e princípios da geometria. Mas como a causa que os torna impossíveis demonstração não é sua obscuridade, mas, pelo contrário, sua extrema evidência, essa falta de prova não é um defeito, mas antes uma perfeição. [...] convence a razão, mais poderosamente que o discurso. (PASCAL,, 2018, p. 21)

Portanto, podemos concluir que usar esse método geométrico é impossível por ser

idealmente perfeito. Fica claro para Pascal que “os homens são naturalmente e imutavelmente impotentes para tratar qualquer ciência com ordem absolutamente completa”. (PASCAL, 2018, p. 15) Isso não deve ser desesperador, pois embora não seja possível um método perfeito e completo, é possível outro “inferior” ao idealizado mas não sendo menos certo. Esse método consiste na arte de persuadir, pois tem uma relação necessária com a maneira pela qual os homens consentem naquilo que se lhes propõem e com as condições das coisas que se quer fazer crer.

Primeiramente, segundo Pascal, não é de se ignorar que há duas entradas pelas quais as opiniões são admitidas na alma. São duas principais potências, o entendimento e a vontade. A mais natural é a do entendimento, pois nunca se deveria consentir senão nas verdades demonstradas, mas a mais usual, embora contra a natureza, é a da vontade, pois todos os homens são quase sempre levados a crer não pela prova, mas pelo agrado. Aqui falamos de verdades que estão ao alcance humano, sendo que o espírito e o coração são como portas por onde são admitidas as verdades na alma. Vale ressaltar que poucas dessas verdades entram pelo espírito, ao passo que são introduzidas nele em massa pelos caprichos temerários da vontade, sem o conselho do raciocínio.

Cada uma dessas potências tem seus princípios e os primeiros motores de suas ações. As do espírito são verdades naturais e conhecidas como: “o todo é maior que sua parte”, além de vários axiomas particulares que alguns admitem e outros não. Entretanto, desde que admitidos, são tão poderosos que ainda que falsos, vencem a crença, como os mais verdadeiros. Já as da vontade, são certos desejos naturais e comuns a todos os homens, como o desejo de ser feliz, que ninguém pode não ter, além de vários objetos particulares que cada um segue para chegar a isso e que, tendo a força de nos agradar, são tão fortes ainda que perniciosos de fato, para impelir a vontade de agir, como se realizassem sua verdadeira felicidade. Pascal é um racionalista que critica a prepotência da razão, pois neste período, ela se mostra orgulhosa por querer tratar de áreas que, como já vimos anteriormente, pertence ao princípio de autoridade.

Podemos citar o exemplo das verdades divinas, que embora não estejam na arte de persuadir, somente Deus pode colocá-las na alma e sob a forma que lhe agrada. Ele quis que elas entrassem do coração para o espírito e não do espírito para o coração. Para humilhar essa soberba do raciocínio humano que pretende ser juiz das coisas que a vontade escolhe e para curar essa vontade enferma que se corrompeu totalmente por seus apegos mundanos. Parece que com isso Deus estabeleceu essa ordem sobrenatural e totalmente contrária à ordem que devia ser natural aos homens nas coisas naturais. No entanto, ao trocarmos as coisas santas

pelas profanas por decorrência da queda original, com efeito, nós quase só acreditamos naquilo que nos agrada. Para punir essa desordem, Deus só derrama suas luzes nos espíritos após ter dominado a rebelião da vontade por uma doçura celestial que a encanta e arrasta.

Para entender esse método é necessário discorrer sobre as qualidades das coisas com que devemos persuadir. Umhas são tiradas, por uma consequência necessária, dos princípios comuns e das verdades confessadas. São infalíveis, pois a relação com os princípios admitidos possui uma necessidade inevitável de convencer. Há também aqueles que possuem uma estreita união com os objetos de nossa satisfação, que também são admitidas com certeza, pois, tão logo se possa levar a alma a perceber que uma coisa pode conduzi-la ao que ela ama soberanamente, é inevitável que ela se disponha a isso com alegria. Porém, em especial, aquelas que têm ligação simultaneamente tanto com as verdades confessadas como os desejos do coração, são tão seguras de seu efeito, que não há nada que o seja mais na natureza. Assim como, pelo contrário, o que não tem relação nem com nossas crenças nem com os nossos prazeres, nos é importuno, falso e absolutamente estranho.

Logo, o ponto central desse método é o entendimento de como funciona a relação do ser humano com suas verdades. Há verdades em que as coisas que se quer fazer crer são bem estabelecidas em verdades conhecidas, mas ao mesmo tempo são contrárias aos prazeres que mais nos tocam. Essa alma imperiosa, que se vangloria de só agir pela razão, segue, por uma escolha vergonhosa e temerária. O que uma vontade corrompida deseja, por maior que seja a resistência, que o espírito muito esclarecido possa opor a ela. Ou seja, parece que como quer que seja que se pretenda persuadir, deve se ter consideração pela pessoa a quem quer persuadir, é necessário conhecer seu espírito e seu coração. Sobre isso Pascal afirma:

É então que ocorre uma oscilação duvidosa entre a verdade e a voluptuosidade e que o conhecimento de uma e o sentimento de outra travam um combate cujo êxito é bem incerto, porquanto seria necessário, para julgar a respeito, conhecer tudo o que se passa no mais íntimo do homem, que o próprio homem quase nunca conhece.” (PASCAL, B. 2018, p. 31).

Desse modo, a arte de persuadir consiste tanto em agradar como convencer, uma vez que os homens “[...]governam mais por caprichos que pela razão!”(PASCAL, 2018, p. 32). Conhecendo esses dois métodos, um de convencer e outro de agradar, na próxima seção será investigado as regras do primeiro, pois parece impossível acomodar provas ao alcance da inconstância dos caprichos humanos.

4.3 REGRAS PARA O MÉTODO E A ARTE DE PERSUADIR

Assim como Descartes, Pascal, em defesa de seu método, estipula regras para a aplicação desse método. Especificamente, uma espécie de arte de fazer ligações das verdades com os seus princípios, quer seja na verdade quer seja no prazer. Contanto que os princípios que uma vez foram estabelecidos permaneçam firmes e sem jamais serem desmentidos.

Essa arte, que designo a arte de persuadir e que propriamente não é senão a condução das provas metódicas perfeitas, consiste basicamente em três partes essenciais: definir os termos de que se deve servir-se por definições claras; propor princípios ou axiomas evidentes para provar a coisa de que se trata; e substituir sempre mentalmente na demonstração as definições em lugar dos definidos.(PASCAL, 2018, p. 33)

Ou seja, a razão desse método é evidente, tendo em vista que seria inútil propor o que se quer provar e empreender sua demonstração, se não se tiver antes definido claramente todos os termos que não são inteligíveis e que é necessário igualmente que a demonstração seja precedida da requisição dos princípios evidentes que são necessários, pois, se não assegurar o fundamento não se pode assegurar o edifício. Também é necessário, finalmente, ao demonstrar, substituir mentalmente as definições em lugar dos definidos, uma vez que de outra forma se poderia abusar dos diversos sentidos que se encontram nos termos. Esse método está seguro de convencer, desde que todos os termos sejam entendidos e perfeitamente isentos de equívocos pelas definições e os princípios sejam concordados. Se na demonstração se substituir sempre mentalmente as definições no lugar dos definidos, a força invencível das consequências não pode deixar de ter todo o seu efeito.

Assim, jamais uma demonstração, na qual essas circunstâncias estão preservadas, pôde estar sujeita à menor dúvida. Em poucas regras será abordado o método inteiro das provas geométricas da arte persuadir, encerrando tudo que é necessário para a perfeição das definições, dos axiomas e das demonstrações.

Primeiramente, as *regras para definição* consistem em:

1. Não tentar definir nenhuma das coisas de tal modo conhecidas por si, que não se tenha termos mais claros para explicá-las.
2. Não admitir nenhum dos termos um pouco obscuros ou equívocos, sem definição.
3. Não empregar na definição termos senão palavras perfeitamente conhecidas ou já explicadas.

As regras para os axiomas consistem em:

1. Não admitir nenhum dos princípios necessários sem ter perguntando se todos concordam, por mais claro e evidente que possa ser.
2. Não colocar entre os axiomas senão coisas perfeitamente evidentes por si próprias.

As regras para as demonstrações são:

1. Não tentar demonstrar nenhuma das coisas que são de tal modo evidentes por si que não se tenha nada demais claro para prová-las.
2. Provar todas as proposições um pouco obscuras e só empregar para a sua prova axiomas muito evidentes ou proposições já acatadas ou demonstradas.
3. Substituir sempre mentalmente as definições em lugar dos definidos, para não se enganar pelo equívoco dos termos que as definições restringem.

Ao todo essas oito regras contêm todos os preceitos das provas sólidas e imutáveis, embora entre elas haja três que não são absolutamente necessárias e podem ser negligenciadas sem erro.

1. A definição: Não definir nenhum dos termos perfeitamente conhecidos.
2. Os axiomas: Não admitir questionar nenhum dos axiomas perfeitamente evidentes e simples.
3. A demonstração: Não demonstrar nenhuma das coisas muito conhecidas por si próprias. Pois, de fato, não constitui grande falta definir e explicar bem claramente as coisas, embora muito claras por si mesmas. Nem admitir requerer de antemão axiomas que não podem ser recusados no local em que são necessários, nem finalmente provar proposições aceitas sem provas.

Contudo, no que tange às demais cinco regras, são de absoluta necessidade e não se pode dispensá-las sem incorrer numa falta essencial. As duas regras para a definição são as (2) e (3). A regra dos axiomas é a (2). Por último as regras das demonstrações são as (2) e (3). Essas cinco regras, formam tudo o que há de necessário para tornar as provas convincentes, imutáveis e por que não, geométricas. Quando as oitos estão juntas, tornam-se ainda mais perfeitas. Pascal, tendo em vista a ordem para ficar numa excelência geométrica, as duas regras que encerram a arte de persuadir são: definir todos os nomes que são impostos; provar tudo, substituindo mentalmente as definições em lugar dos definidos.

Era de se esperar objeções com relação às regras do método. Pascal discorre a respeito de três delas que poderiam ser feitas. A primeira, que esse método não tem nada de novidade. A segunda, que é bem fácil de aprender sem que seja necessário estudar os

elementos da geometria. Por último, a terceira é que se trata de um método bastante inútil, pois seu uso se restringe quase unicamente às matérias geométricas. Quanto à primeira objeção, se ocorrer a penetração no espírito dessas regras, há de perceber quanta diferença há entre o que é dito aqui e o que alguns lógicos talvez descreveram a respeito, mais ou menos ao acaso, em algumas passagens de sua obra. Aqueles que possuem o espírito de discernimento sabem que há diferenças entre duas palavras semelhantes, de acordo com os locais e as circunstâncias que os acompanham. Exemplo de pessoas que leram e decoraram o mesmo livro, todos dizem a mesma coisa mas não a pensam da mesma forma. É necessário sondar como determinado pensamento está alojado em cada autor. Ao conhecer a origem da forma como recebemos esses pensamentos, podemos perceber a diferença que faz o ser humano ser o operador da razão, quando por exemplo, um ouvinte se apega a uma ideia pela beleza do discurso do interlocutor. Ou, ao receber com frieza e desprezo determinado pensamento, transforma seu valor, mudando a direção para outro pensamento. Pascal cita: “Os mesmos pensamentos surgem às vezes de forma totalmente diversa em seu autor: inférteis em seu terreno natural, abundantes quando transplantados.” (PASCAL, 2018, p. 38). Porém, é mais frequente que um bom espírito faça produzir ele próprio a seus próprios pensamentos e todos os frutos de que são capazes e que, em seguida, alguns outros, tendo ouvido serem elogiados, os tomam e deles se apoderam, mas sem conhecer sua excelência; e é nesse caso que a diferença de uma mesma palavra em bocas diversas mais aparece.

O método de não errar é procurado por todos, inclusive os lógicos tentaram ao seu modo, cheio de regras. Entretanto, segundo Pascal, os geômetras são os únicos a atingir tal patamar de demonstração, que atestam e provam as verdades sozinho, sem outras regras inúteis ou prejudiciais. Aqueles que criticam afirmando que os geômetras não lhes dão nada de novo por essas regras, na verdade não percebem que já possuíam, entretanto estavam confundidas no meio de uma multidão de outras regras inúteis ou falsas, das quais não podiam discernir. Pascal exemplifica a situação das regras:

O defeito de um raciocínio falso é uma doença que se cura por meio desses dois remédios. Foi composto outro de uma infinidade de ervas inúteis em que as boas estão misturadas e permanecem sem efeito por causa da má qualidade dessa mistura.(PASCAL, 2018, p. 39).

Portanto, para descobrir todos os sofismas e equívocos de raciocínio capciosos, em vão inventaram nomes bárbaros que acabam por espantar aqueles que os ouvem. Mostrando diversos caminhos que afirmam que conduzem para onde queremos, porém só há dois que

conduzem a isso, e é na geometria que se confirma isso com exatidão. É certo que todas as coisas boas e naturais estejam ao nosso alcance, sendo conhecidas de todos. Contudo não se sabe distingui-las, isso é universal, ao se erguer para tentar alcançá-las acabamos nos afastando, na maioria das vezes é preciso se abaixar. A natureza, que é a única boa, é totalmente familiar e comum. Portanto, não são as coisas bárbaras e confusas que formam o raciocínio. Embora aparentam ser simples e ingênuas, a grandiosidade dessas regras estão em serem verdadeiras. Não é necessário enfatizar o espírito, as maneiras tensas e penosas enchem o ser humano de uma tola presunção por uma elevação estranha e por um orgulho vão e ridículo, em vez de um alimento sólido e vigoroso. Para aprofundarmos, a próxima seção será responsável por investigar o espírito geométrico e de finesse.

4.4 DO ESPÍRITO GEOMÉTRICO E DE FINESSE

No presente capítulo, para encerrar a discussão sobre o método, será investigada a estrutura epistemológica base de Blaise Pascal. Embora saibamos que o método geométrico seja perfeito, praticamente um *ideal* para o filósofo, não podemos deixar passar que ele é precisamente um ideal. Tomando por base o texto já discutido *Método Geométrico e a Arte de persuadir*, que nos apresenta algo a mais do que a razão para o convencimento da verdade, entretanto, porém com foco maior na obra *Pensamentos*, que trata de diversos assuntos, porém trataremos do espírito geométrico e do espírito de sutileza.

Antes de trabalharmos os dois espíritos, é necessário estabelecer alguns conceitos, para aprofundarmos a discussão acerca dessa estrutura. Para o filósofo, a inteligência é dividida em dois tipos de Espírito (*esprit*), que no caso significa atividade intelectual, uma certa disposição psicológica na apreciação e aquisição do conhecimento dos fatos. Primeiramente, segundo Pascal, uma mente vigilante e atenta, não obnubilada por desejos e paixões, está em condições de intuir. Segundo, um *princípio* nada mais é a causa primeira do objeto investigado, são verdades ou juízos fundamentais, que servem de alicerce ou de garantia de certeza a um conjunto de juízos, ordenados em um sistema de conceitos relativos à dada porção da realidade. Na geometria, os princípios chamados *largos*, são as causas que necessitam de uma investigação racional rigorosa, seguindo o método geométrico. Já os princípios finos, são menos rigorosos e mais intuitivos, cuja sutileza é responsável por uma investigação mais empírica do objeto.

O primeiro tipo é o Geométrico:

Os princípios são palpáveis, mas afastados do uso comum, de modo que é difícil voltar o pensamento por falta de hábito. Mas, por pouco que isso se faça, os princípios são claramente apreendidos; e seria preciso ter o espírito completamente falso para raciocinar mal sobre princípios tão simples que é impossível que nos escapem. (PASCAL, 2003, p.39 fragm, 1)

O primeiro teria como vocação lidar com um grande número de questões ao mesmo tempo, arranjando-as de modo linear e encadeado, a fim de gerar deduções lógicas generalistas e de grande alcance. O segundo tipo é o de Sutileza(Finesse),

Os princípios são de uso comum e patenteiam-se aos olhos de todos. Não se requer nenhum esforço, nem é necessário fazer violência a si mesmo. Basta ter uma visão clara; mas é preciso que ela o seja, pois os princípios são tão desconexos que muitos dificilmente deixarão de escapar-nos alguns. (PASCAL, 2003, p.39 fragm, 1)

O segundo teria uma vocação para o detalhe e a sutileza, lidando melhor com um pequeno número de variáveis a cada vez, e fugindo das generalidades apressadas. O geométrico ama a pressa e os resultados eficazes, o de "*finesse*" cultua a paciência e o cuidado, mas pode ser de eficácia duvidosa.

O espírito geométrico é caracterizado pela aptidão particular, pela inclinação para a dedução; é aquele que sabe tirar as últimas conclusões de todas as premissas que lhe são oferecidas, mas que fica perturbado, perplexo, quando uma proposição não pode assegurar uma verdade tal que possa ser testada pelo absurdo da sua contraditória. O homem imbuído deste espírito admite somente um método, o geométrico, e pretende aplicá-lo em tudo, em toda área do conhecimento, e a ciência que se recusa a submeter a tal procedimento, é rejeitada e desprezada. Já o *esprit de finesse* é flexível, maleável, sutil, desembaraçado, e conforme Pascal, "vê as coisas num só relance", numa visão rápida, e quando lhe falta a evidência plena, os princípios absolutos, aceita as probabilidades, as aproximações, as presunções, suposições e conjecturas. É o tipo de homem que formula hipóteses explicativas, que descobre meios termos, e aprecia a indução.

Para Pascal, o geômetra seria sutil se tivesse uma boa visão, pois eles não raciocinam em falso sobre os princípios que conhecem. E os espíritos sutis seriam geômetras se pudessem voltar suas vistas para os princípios da geometria, a que não estão acostumados. Já o motivo por que certos espíritos sutis não sejam geômetras é que de nenhum modo se podem voltar para os princípios da geometria. O mesmo com relação a alguns geômetras não seja

sutis é o que não verem o que têm diante de si e, acostumados como estão aos princípios nítidos e grosseiros da geometria e a só raciocinarem depois de ter bem examinado e manuseado seus princípios, perdem-se nas coisas sutis e claras, em que o espírito não se deixa manusear dessa forma. O espírito de sutileza é responsável por adquirir sempre mais peso no pensamento posterior de Pascal, e que, diferentemente do espírito geométrico, permite captar a riqueza e a profundidade da vida. Sobre os geômetras e a sutileza, Pascal afirma:

Ou seja, é raro que os geômetras sejam sutis e vice-versa, devido a que os segundos pretendem tratar geometricamente as coisas sutis e se tornam ridículos quando querem começar pelas definições e depois estabelecer os princípios, já que esse não é o procedimento apropriado na espécie de raciocínio em apreço. Possuem um espírito reto, contudo com as condições de que todas as coisas lhe sejam bem explicadas por definições e princípios, fora disso são insuportáveis, pois só sabem ser retos com base em princípios claros. [...] Os espíritos sutis, ao contrário, acostumados a julgar tudo com um relance de olhos, ficam profundamente confusos, quando lhes é apresentado proposições que não entendem, e para acessá-las é necessário passar por definições e princípios considerados estéreis, que eles não estão habituados a considerar em detalhe, e sentem repugnância aversão a raciocinar dessa maneira. Não têm paciência de descer até os primeiros princípios das coisas especulativas e da imaginação, que eles nunca viram no mundo e que são completamente estranhas ao uso comum.(PASCAL, 2003, p.39 fragm, 1)

Longe de serem opostos, tanto o espírito geométrico quanto o de sutileza acabam por demonstrar os diversos setores que compõem o ser humano e como elas interferem na conquista do conhecimento. Eles podem existir perfeitamente sem o outro, para formar argumentações convincentes são necessárias premissas corretas, as premissas certas dos geômetras não conseguem captar os lados mais ricos e interessantes da realidade e da vida, logo precisa também da sutileza, por ter uma forte valência normativa e um ideal regulador. Há outros domínios que o espírito geométrico não pode alcançar, mas que, porém, são alcançáveis ao espírito de finesse, uma visão estritamente boa, não obnubilada por desejos e paixões, que permite capturar a riqueza e a profundidade da vida.

“A omissão de um princípio conduz ao erro; cumpre, pois, a visão muito clara para para ver todos eles e, além disso, um espírito equilibrado para não raciocinar em falso sobre princípios conhecidos”(PASCAL, 2003, frag 1). Desde já nos é apresentado algo mais que a pura razão em seu método, não julgamos somente pela razão, porém por algo que muitas vezes não conseguimos entender, que é algo intrinsecamente humano e que não sabemos muito a respeito e está além de nosso controle total. Ou seja, além dos objetos claros e tangíveis da geometria, também estão presentes as “coisas do sentimento”, de finesse, cujo conhecimento não é ensinado, mas experimentado. Para aprofundar a finesse, Pascal afirma:

Os que estão acostumados a julgar pelo sentimento não compreendem nada das coisas do raciocínio, pois querem penetrar tudo ao primeiro relance e não estão acostumados a buscar os princípios. Os outros, pelo contrário, acostumados a raciocinar por princípios, nada entendem das coisas do sentimento, procuram aí princípios e não podem ver de um só relance.(PASCAL, 2003, p.42 fragm, 3)

O que nos leva a ideia muito bem abordada por Pascal, que é o *coração*.

Conhecemos a verdade não apenas pela razão, mas também pelo coração. É desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio, que não toma parte nisso, tenta combatê-los. [...] Pois os conhecimentos dos primeiros princípios: espaço, tempo, movimento, números, são tão firmes quanto qualquer daqueles que nossos raciocínios nos dão e é somente sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente seu discurso. [...] E é por isso que aqueles a quem Deus deu a religião por sentimento de coração são bem-aventurados e muito legitimamente persuadidos [...](PASCAL, 2005, fragm. 282, p. 38-39.)

Em primeiro lugar, pode-se dizer, com relativa segurança, que, em Pascal, o coração é um termo que designa, exclusivamente, aquela “parte” de nós que faz com que amemos algo. Nele, o exemplo das provas metafísicas da existência de Deus, estão distantes do modo comum de pensar do homem, que são confusas e falham em sua eficácia. A necessidade de um mediador, discutida no capítulo 4.1, provém do próprio reconhecimento da miséria, pelo coração e não pela razão, que apontam para o criador. Pela fé, Deus é sensível ao coração e não à razão, por isso “O coração tem razões que a própria razão desconhece”(PASCAL, 2003, p.155 fragm, 253/277).

4.5 A IMAGINAÇÃO

Das inúmeras razões que Blaise Pascal aborda para a defesa de uma razão limitada, a que mais dialoga com o método e com as demonstrações é a imaginação. Primeiramente no final da obra *Do espírito geométrico e a arte de persuadir*, o matemático encerra a discussão sobre o raciocínio e a arte de persuadir com uma menção à imaginação, que servirá de estopim para essa discussão:

Uma das principais razões que tanto afastam aqueles que penetram nesses conhecimentos do verdadeiro caminho a ser seguido é a imaginação, que antecipadamente têm de que as coisas boas são inacessíveis, conferindo-lhes designativos como grandes, altas, elevadas, sublimes. Isso deita tudo a perder. Gostaria de designá-las simples, comuns, familiares: esses designativos lhe cabem melhor. Odeio essas palavras altissonantes [...](PASCAL, 2018, p. 40)

Porém, é na obra *Pensamentos*, que o filósofo dedica um fragmento de várias

páginas para explicar como a imaginação é uma faculdade do ser humano que pode nos enganar. Sobre a imaginação, Pascal afirma:

Imaginação - É essa parte ilusória do homem, essa mestra do erro e da falsidade, e ainda mais embusteira pelo fato de nem sempre o ser, e ainda mais embusteira pelo fato de nem sempre o ser; pois a imaginação seria uma regra infalível da verdade se o fosse da mentira. Mas, embora seja falsa as mais das vezes, não oferece qualquer marca da sua qualidade, já que imprime o mesmo caráter ao verdadeiro e ao falso. (PASCAL, 2003, p.73 fragm, 75/82)

É notável a importância da imaginação por ser aquela responsável por investigarmos os argumentos do gênio maligno e do sonho. Os quais, de acordo com Pascal, são argumentos pirrônicos irrefutáveis por tratarem de baterem de frente com a razão, ou seja, a imaginação é uma faculdade inimiga da razão. Inclusive é capaz de enganar não os loucos somente, mas até os mais sábios, a imaginação tem um grande dom de persuadir os homens. E inúteis são os protestos da razão, que não pode precisar o valor exato das coisas. É capaz de induzir a crer, duvidar e a negar até mesmo negar a razão. Até mesmo suspende a operação dos sentidos, devido trazer uma satisfação mais plena e completa do que faz a razão. Certos indivíduos hábeis pela imaginação desfrutam de prazeres interiores outros que outros não alcançam. Não pode tornar sábios os tolos, mas os torna felizes, ao contrário da razão, que só pode tornar miseráveis aqueles que são hábeis na razão.

Quem dispensa a reputação, quem dá o respeito e a veneração pelas pessoas, pelas obras, pelas leis, pelos grandes, senão essa faculdade imaginativa? Como são insuficientes todas as riquezas da Terra sem a sua aprovação! (PASCAL, 2003, p.74 fragm, 75/82)

Pascal dá o exemplo de um magistrado, cuja idade venerável impõe respeito a um povo inteiro e que governa por uma razão pura e sublime, julgando as coisas segundo a sua natureza, sem se deter nessas vãs circunstâncias que só impressionam a imaginação dos fracos. É notório que esses fracos irão assistir a um sermão com um zelo perfeitamente devoto, reforçando a solidez da razão com o ardor da sua caridade. Entretanto se estava pronto para ouvir com respeito, e o pregador aparece com uma fisionomia esquisita e a natureza deu uma voz roufenha, se o barbeiro fez mal seu trabalho, por mais sublimes as verdades que o pregador enuncie, Pascal apostaria na perda de gravidade do senador, assim como o tom de uma voz pode mudar o caráter de um discurso ou de um poema. A razão é obrigada a ceder, e o mais sábio toma por princípios seus os que a imaginação dos homens introduziu temerariamente em toda parte. Sobre a influência da imaginação no pensamento do filósofo, Pascal afirma:

O maior filósofo do mundo, sobre uma prancha de largura mais que suficiente, se por baixo há um princípio, ainda que a razão o convença de que está em segurança, sua imaginação prevalecerá sobre ela. Muitos não podem sequer pensar nisso sem empalidecer e suar frio. (PASCAL, 2003, p.74 fragm, 75/82)

Quem só quisesse seguir a razão seria louco aos olhos dos homens comuns, é necessário julgar aos olhos do homem comum. Muitos magistrados e médicos se possuíssem a verdadeira justiça e conhecessem a verdadeira arte de curar, não precisariam de tantos apetrechos em suas vestimentas para impressionar e passar um ar de respeito, de algo além da pura ciência que seria venerável por si mesma. A imaginação é a senhora de tudo. É ela que faz a beleza, a justiça e a felicidade, que tudo representa neste mundo.

Portanto, embora haja ainda mais faculdades como o juízo e doenças que são princípios de erros, a imaginação de destaca por ser uma faculdade cognitiva que afeta a alma do homem fazendo-o julgar as coisas além da razão, de forma mais eficaz. A relação do homem com o método se dá com diversas faces, ao contrário de alguns racionalistas, para Pascal, a razão tem seu limites, e por causa desses limites o método tem que ser adaptado visando essas idiosincrasias.

5. CONCLUSÃO

Blaise Pascal foi um filósofo que contribuiu bem para a filosofia Moderna, especificamente na área do Racionalismo. Diante de várias perspectivas racionalistas de seu tempo, foi responsável por trazer um método alternativo baseado na essência do ser humano. Além das análises filosóficas, o matemático introduz a psicologia e teologia para o seu método. As obras *Do espírito geométrico e a arte de persuadir* e *Pensamentos* são as principais obras que contribuíram para o estudo do racionalismo em Pascal. Essas obras foram tomadas como base para os estudos do método geométrico racionalista e como ela é afetada pelo homem e por consequência a investigação dos limites da razão.

Para entender a estrutura do método e como ele se divide, foi necessário uma investigação antropológica em Pascal baseado na obra *Pensamentos*, na qual apontou o homem como um ser miserável por ser tudo e nada. Esse senso de miserabilidade é proveniente do pecado original, que derrubou o homem e mostrou seus limites. A obra *Pensamentos*, por ser de início uma obra apologética, apresenta um Pascal ocupado em trazer uma visão de humildade para o homem, pois, ao tratar de um homem que foi criado imagem e semelhança de Deus com a racionalidade como seu grande triunfo, entretanto, também sendo uma criatura mortal por causa do pecado, os seus limites aparecem.

Com base nessa visão do ser humano, a sua influência na criação do método seria inegável. Entretanto, também foi necessário dialogar com seus contemporâneos, em especial, Descartes, responsável por desenvolver na obra *O discurso do método*, seu relevante método que serviu de base para a forma de pensar no período moderno. Essa necessidade se encontra na diferença entre as perspectivas dos dois matemáticos, na qual um deles reconhece o ser humano como miserável e outro não. Pascal, em resposta ao método cartesiano, propõe um método alternativo, também baseado na geometria euclidiana, mas levada às últimas consequências na qual chega a princípios primitivos incapazes de definir. Esse método sendo perfeito, segundo Pascal, é responsável também para provar o quanto somos limitados racionalmente, o que leva a criar regras baseadas em nossas idiosincrasias humanas.

Na obra *Do espírito geométrico e a arte de persuadir*, Blaise trata de abordar as regras da arte de persuadir que consistem: A definição: Não definir nenhum dos termos perfeitamente conhecidos. Os axiomas: Não admitir questionar nenhum dos axiomas perfeitamente evidentes e simples. A demonstração: Não demonstrar nenhuma das coisas muito conhecidas por si próprias. Com ciência do método, Pascal aponta que ser humano não é só convencido de forma racional, mas, diante das duas entradas pelas quais as opiniões são

admitidas na alma, o entendimento e a vontade. A mais natural é a do entendimento, pois nunca se deveria consentir senão nas verdades demonstradas, mas a mais usual, embora contra a natureza, é a da vontade, pois todos os homens são quase sempre levados a crer não pela prova, mas pelo agrado.

Por último, foi discutido a estrutura epistemológica de Pascal e suas faculdades. Divididos em espírito geométrico e de finesse, o primeiro é caracterizado pela aptidão particular, pela inclinação para a dedução; é aquele que sabe tirar as últimas conclusões de todas as premissas que lhe são oferecidas, mas que fica perturbado, perplexo, quando uma proposição não pode assegurar uma verdade tal que possa ser testada pelo absurdo da sua contraditória. O homem imbuído deste espírito admite somente um método, o geométrico, e pretende aplicá-lo em tudo, em toda área do conhecimento, e a ciência que se recusa a submeter a tal procedimento, é rejeitada e desprezada. Já o *esprit* de finesse é flexível, maleável, sutil, desembaraçado, e conforme Pascal, "vê as coisas num só relance", numa visão rápida, e quando lhe falta a evidência plena, os princípios absolutos, aceita as probabilidades, as aproximações, as presunções, suposições e conjecturas. É o tipo de homem que formula hipóteses explicativas, que descobre meios termos, e aprecia a indução.

Assim, é apresentado faculdades que tratam de formas alternativas para atingir o conhecimento e que possibilita a noção de limites da razão. O primeiro é o coração, responsável por aquela "parte" de nós que faz com que amemos algo. O conhecimento dos primeiros princípios: espaço, tempo, movimento, números, são tão firmes quanto qualquer daqueles que nossos raciocínios nos dão e é somente sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente seu discurso. Logo, até o convencimento da existência de Deus na religião é dado pelo sentimento de coração, só assim são legitimamente persuadidos.

6. Bibliografia

MANTOVANI, Ricardo. **10 Lições sobre Pascal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

PASCAL, Blaise. **Do espírito geométrico e a arte de persuadir**. 2. ed. São Paulo: La Fonte, 2018

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, Laf.149/Br.430

REALE, Giovanni. **História da filosofia: Do Humanismo a Kant / Giovanni Reale, Dario Antiseri**; -. São Paulo: Paulus, 1990

PÉRIER, G. **A vida de Pascal**. In: PASCAL, B. **Pensamentos**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1979, [Coleção “Os Pensadores”]

PONDÉ, Luiz. **O homem insuficiente**. São Paulo : Edusp, 2001. 2001

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**, ed. Martin Claret, São Paulo, SP, 2003

Bíblia. Português. Bíblia: Velho Testamento – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002

AGOSTINHO - **A natureza e a graça**, 2018 p. 114